

ENTREVISTA REVISTA MELANCOLIA

Humberto Miranda de Campos

- 1) Você poderia apresentar, de maneira resumida, sua trajetória acadêmica.

Cursei Direito como primeira graduação. Posteriormente escolhi entrar em um curso novo chamado Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas na Universidade Federal de Juiz de Fora. Este curso apresenta dois ciclos: no primeiro há um panorama geral das disciplinas de humanidades que devem ser cursadas como ciclo básico obrigatório. Passei por disciplinas de Ciências Sociais, Psicologia, História, Geografia, Ciência da Religião e Filosofia. Já no segundo ciclo, pode-se optar por cursar integralmente Ciência da Religião, Ciências Sociais ou Filosofia. Desta maneira, optei por cursar meu terceiro bacharelado agora em Filosofia, iniciado em 2015. Por já ser bacharel em Direito, paralelamente ao curso em Ciências Humanas, fiz uma especialização em Filosofia pelo Departamento de Filosofia da UFJF e atualmente, em conjunto com a graduação, curso o mestrado em Ciência da Religião pelo PPCIR-UFJF.

- 2) Como o esoterismo se tornou seu objeto de pesquisa?

Sou um curioso por natureza. Quando descobri que existia uma gama de conhecimentos considerados ocultos, ou restritos a poucos, isso aguçou minha curiosidade ao máximo. Desta forma, meu interesse pelo esoterismo surgiu despreziosamente. Quando comecei a ver relações entre estes conhecimentos e correntes filosóficas, achei o objeto extremamente interessante de se estudar. Então, comecei a procurar referências acadêmicas sobre o assunto que me enriqueceram, e enriquecem até hoje.

- 3) Qual o espaço que o esoterismo, enquanto objeto acadêmico, ocupa em seu país?

Infelizmente sou obrigado a dizer que é mínimo. Há muitas pessoas que ainda percebem o esoterismo como “horóscopo de jornal” e não conseguem vislumbrá-lo como um objeto de pesquisa - seja por preconceito ou desconhecimento. Muitos reduzem tudo à magia ou à “Nova Era”. Há, infelizmente, uma certa ignorância sobre o objeto pela academia brasileira.

- 4) Quais desafios você enfrenta tendo o esoterismo como objeto de pesquisa?

Há dois desafios que eu considero principais: o primeiro é apresentar o objeto como algo concreto e viável de ser estudado e o segundo é o de mostrar que a relação entre esoterismo e “Nova Era” não é necessária e sim contingente.

5) Como você se posiciona ante as discussões historiográficas acerca do esoterismo?

Concordo com Hanegraaff quando o mesmo desconstrói o “Paradigma Yates” e apresenta o objeto não como uma contracultura quase autônoma, mas como uma dimensão negligenciada da cultura ocidental em geral. Há diálogo entre os discursos e os pesquisadores devem prestar atenção a esses diálogos a fim de entender o objeto em seu contexto.

6) Quais perspectivas você percebe para o futuro do esoterismo enquanto objeto acadêmico na América Latina?

Só a existência do CEEU-UNASUR já é algo animador para aqueles que pretendem investigar o objeto. É um farol neste oceano praticamente inexplorado. No Brasil, especificamente, ainda falta o reconhecimento da academia e o aumento do número de investigações a fim de que estas referências ganhem mais corpo para estimular novos pesquisadores.